



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

A EXPOSIÇÃO DO CORPO COLONIZADO UMA REFLEXÃO A PARTIR DA “ARTE DECOLONIAL” DE EDER OLIVEIRA

Maria Cristina Simões Viviani
Rômulo Moraes

Introdução:

Para quem se depara desavisado com o trabalho de Éder Oliveira, pode não perceber de onde vêm aqueles rostos, retratados em dimensões maiores que as naturais, com cores vibrantes e monocromáticas. O artista realiza uma releitura de fotografias encontradas nos jornais paraenses feitas, na maioria das vezes, em delegacias da região. Essas fotos, produzidas em tom de acusação e denúncia de possíveis delitos, são o ponto de partida da obra de Oliveira, que também as utiliza para denunciar problemas sociais, mas sob outro prisma.

Se primeiramente aqueles semblantes são publicados no caderno policial para supostamente trazer informações sobre as questões relacionadas à violência urbana e à segurança pública nas cidades paraenses, eles paradoxalmente retornam ao jornal no caderno cultural pelo trabalho de Éder, trazendo à tona todo um processo de exclusão social e violência estrutural que atingem esses corpos. O artista nos instiga a questionar o porquê daquele padrão de corpos estarem diariamente sendo enquadrados como perigosos e responsáveis pelos males sociais do contexto brasileiro.

Naturalizamos e nos acostumamos com estes mesmos corpos, negros, indígenas, caboclos, sendo representados incessantemente na mídia como portadores de perigos e inseguranças. Estranhamos a quebra deste estereótipo quando estes corpos são mostrados em posições sociais de destaque, ou quando outros de pele mais clara ou de maior escala social e econômica cometem delitos. O seletivo sistema de justiça criminal brasileiro estruturado no racismo¹, e direcionado ao controle e aprisionamento de corpos negros e indígenas, forja imagetivamente o estereótipo e o perfil dos sujeitos perigosos, lançando uma penumbra sobre as complexas e singulares histórias de vida dessas pessoas. Submetidos a diversas práticas de punição e controle social violento, como a prisão e a morte, permanece historicamente sobre esses indivíduos de pele escura uma implacável estratégia colonial de domesticação e

¹ Sobre a seletividade e o racismo estrutural do sistema penal brasileiro, que desembocam em práticas de controle social genocidas, trabalhamos com: MORAIS, Rômulo. *O extermínio da juventude negra: uma análise sobre os discursos que matam*. Rio de Janeiro: Revan, 2019. FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. *Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

apagamento, resplandecendo o que, a partir de Franz Fanon², trataremos como Corpo Colonizado.

A partir de uma perspectiva decolonial³, procuramos analisar como o trabalho de Éder Oliveira pode ser colocado como uma “reviravolta de saber”⁴ ou uma potente contra-narrativa para um desatar de nós das rígidas e hierarquizadas relações coloniais que perduram até hoje, principalmente na violência racista e genocida que tem como alvo os corpos colonizados. Desse ponto de vista, almejamos mostrar como a exposição desses corpos, através do apurado olhar artístico de Éder Oliveira, nos abre múltiplas possibilidades de pensar a descolonização desses corpos (corpo descolonizado) não só por meio do resgate das narrativas históricas, modos de ser e existir silenciados e estigmatizados enquanto inferiores e perigosos pelo poder/saber hegemônico/ocidental, como também formas de (r)existência frente às diversas formas de apagamento social impostas pelas estratégias coloniais ancorados no racismo.

Nesse sentido, pensamos então no fundamental papel das pinturas de Éder na reconstrução da multiplicidade de modos de ser e viver desses corpos colonizados, mas também na inversão do sinal da equação, tratando esses corpos não mais como objetos de violências e perigos, mas como potência e resistência⁵ contra essas mesmas violências e todas as formas de apagamento físico e simbólico tão presentes na realidade brasileira.

² A expressão corpo colonizado é aqui retomada a partir das análises de Frantz Fanon. Ou seja, um corpo decorrente ou que vai se constituir a partir das violentas relações coloniais, numa perspectiva subalternizada e estigmatizada pelos aspectos mais negativos e desumanos, que chegam ao ponto de negação das características e aspectos desse corpo negro: “no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação.” Todavia, buscamos com essa análise deslocar nosso olhar desse corpo colonial para um corpo decolonial, em que a arte de Eder Oliveira torna-se fundamental para a resignificação e reconstrução desses corpos e suas multiplicidade de formas de driblar os padrões hegemônicos de ser e estar no mundo. Ver: FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

³ A perspectiva decolonial é trabalhada neste texto a partir da ideia de “colonialidade do poder” proposta por Anibal Quijano, o qual destaca a permanência das relações sociais hierárquicas de exploração e dominação construídas pelas relações coloniais dos séculos anteriores, por isso Anibal Quijano vai identificar uma dependência histórico-estrutural, em que o processo que culminou com a independência dos Estados na América Latina não foi acompanhado de uma descolonização da sociedade, incluindo aí suas relações de poder hierárquicas sustentadas na dominação colonial/racial, mas de uma “rearticulação da colonialidade do poder sobre novas bases institucionais”. A proposta decolonial seria então uma narrativa de desconstrução tanto do ponto de vista político quanto do ponto de vista epistêmico dessas relações de dominação em que etnias e saberes foram subalternizados. Ver: QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. 2005.

⁴ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 21ª. ed. Edições. graal, editora: Paz e Terra, São Paulo: Edições Graal, Paz e Terra,. 2005.

⁵ O termo “resistência” não é concebido aqui por meio de uma visão que restringe a arte e as práticas de resistência na lógica de mera oposição às forças de um poder, tornado central. “Quem cria, resiste e, nesta direção, criação é movimento constante de concepções, conceitos, modos de vida.” LACAZ, A. S., LIMA, S. M., & HECKERT, A. L. C. *Juventudes periféricas: arte e resistências no contemporâneo*. *Psicologia & Sociedade*, 27(1), pp. 58-67, 2005, p. 60.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Metodologia

A metodologia utilizada para a realização do presente artigo foi a combinação de uma revisão de literatura focada na crítica social decolonial, em conjunto com catálogos em que o artista é citado, também como entrevistas do pintor. A análise de seu trabalho desenvolvida no texto, foi trabalhada com base em uma bibliografia que busca debater problemáticas sociais pela perspectiva da “colonialidade do poder”, proposta inicialmente por Anibal Quijano e desenvolvida por outros autores. Assim, espera-se que ao final deste artigo seja feita uma reflexão sobre a exposição dos corpos afro-indígenas retratada na obra de Oliveira nos levando à uma percepção social mais profunda da realidade amazônica brasileira.

Resultados e discussão

O trabalho de Éder Oliveira nos leva a um ponto de reflexão sobre a sociedade brasileira racista e elitista e suas enormes contradições. Assim como as consequências de seu trabalho, o meio em que utiliza para que cheguemos a elas também possui suas contradições. Apesar de sua perspectiva decolonial, o artista se utiliza da pintura, uma arte reconhecida desde a era do Renascimento, onde apenas aqueles considerados de grande habilidade pela elite burguesa tinham sucesso com uma estética voltada aos gostos europeus. Oliveira utiliza de um meio legitimado para abordar a não legitimidade dos corpos marginalizados.

O jornalista Oliver Basciano relaciona o trabalho de Éder Oliveira com o *Manifesto Antropofágico* de Oswald de Andrade, alegando que o artista devora a mídia e utiliza o retrato clássico para uso político. Para Basciano, a arte do Norte se caracteriza pela oposição às normas estabelecidas da narrativa cultural dominante - a opressão, a influência europeia, o legado do modernismo, as potências artísticas brasileiras de São Paulo e Rio de Janeiro. O jornalista afirma que Oliveira “não ignora essas linhagens, mas as devora e as cospe para fora” (Basciano, 2014, p.119).

Os corpos vistos nas obras de Oliveira têm outra forma, outra percepção que não a dos corpos vistos nas fotografias dos jornais. O retrato, privilégio das elites, chega a um anônimo na sociedade, a sua pintura causa outras impressões que não a de marginalidade e perigo. Os olhares que nos atravessam de repente parecem ter mais sentimento, mais humanidade. A linguagem da pintura, tão reservada às classes privilegiadas, é cedida àquele que é mais negado na sociedade, o infrator. Éder abre uma fissura na estrutura, disputando espaços que antes eram reservados só por alguns, democratizando as paredes antes repletas de apenas certos padrões corpóreos. A demonstração sutil de poder, e a violência simbólica que a ausência dos corpos que são maioria em nossa sociedade causa, é possível de ser contrastada com as obras do paraense nos museus de arte contemporânea.

Em outra vertente de seu trabalho, Oliveira pinta nos muros nas ruas, fazendo



intervenções urbanas de até seis metros de altura, obrigando o passante a perceber aquela figura que o encara. O artista provoca um olhar para o corpo que antes parecia invisível, ou que era ao menos ignorado. Assim como Eder nos provoca, é necessário olharmos para estes corpos para além das páginas policiais, mas também como modos de ser e existir potentes e singulares, que, através do que Adriana Facina⁶ chama de “cultura de sobrevivência”, driblam o instituído e às diversas formas de controle social, criando e resignificado diversas formas de saberes e manifestações culturais criativas e potentes.

A história brasileira, assim como a história mundial, escrita e registrada a partir de relações de poder-saber⁷, foi sendo ensinada e repetida apenas pelo ponto de vista do colonizador. Quando ainda se fala em um “descobrimento” do Brasil, silencia-se a trajetória dos corpos, sua história, e sua potência dentro da construção da nossa realidade. Os corpos que foram subjugados e colocados de maneira periférica em tantas esferas da sociedade - geográfica, política e jurídica, para citar algumas, - continuam a ser olhados com desprezo e violência pelas instituições montadas e oficializadas a partir da visão colonizadora.

Os corpos na contemporaneidade parecem estar sempre à mercê da estrutura do Estado e de sua construção que difere os indivíduos por cor, mudando o tratamento a depender de uma genética e de um fenótipo. Aprendemos com Frantz Fanon que o preto é atingido na sua corporeidade ou é na corporalidade que se atinge ele. Para o filósofo africano o preto é linchado e mal visto enquanto personalidade concreta, e “é como ser atual que ele é perigoso”⁸. Podemos estender o conceito de Fanon também para os corpos afro-indígenas, que são tão recorrentes na Amazônia no trabalho de Oliveira.

Conclusões

Foi a partir de um processo civilizatório europeu, que os corpos brancos hierarquizaram as relações de cultura, e conseqüentemente as relações entre os homens. Tanto modos de ser e existir dos indígenas, que já habitavam o território hoje reconhecido como Brasil, quanto dos indivíduos trazidos a força pela diáspora do continente hoje denominado África foram inferiorizados e tratados como não-humanos. Seus saberes e conhecimentos foram diminuídos e demonizados. A percepção

⁶ FACINA, Adriana. Sobreviver e sonhar: reflexões sobre cultura e "pacificação" no Complexo do Alemão. In: Márcia Adriana Fernandes; Roberta Duboc Pedrinha. (Org.). Escritos Transdisciplinares de Criminologia, Direito e Processo Penal: homenagem aos mestres Vera Malaguti e Nilo Batista. 1ed.Rio de Janeiro: Revan, 2014, v. 1, p. 39-47.

⁷ Michel Foucault talvez tenha sido um dos filósofos do século XX que mais tenha se debruçado sobre essas relações que hierarquizam corpos e saberes através de estratégias de poder. Ver: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 21ª. ed.Edições. graal, editora: Paz e Terra, São Paulo: Edições Graal, Paz e Terra,. 2005.

⁸ FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008, p.142



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

unilateral de que haveria uma linearidade no desenvolvimento das civilizações trazia a ideia de que as sociedades colonizadas estariam atrasadas e deveriam ser modernizadas pelas tecnologias europeias. As estruturas e formações sociais eram questionadas, assim como o comportamento e as relações dos corpos pertencentes a elas.

Enquanto permanecermos amarrados em relações decorrentes do colonialismo, que hierarquizam e inferiorizam saberes e corpos, enquanto a violência estruturada no racismo viva até hoje nas estratégias de genocídio da população afro-indígena, trabalhos como de Éder Oliveira são imprescindíveis. É através de arte, estudos e produção de saberes decoloniais que se busca dar visibilidade à parte da história não contada, trazendo ao centro corpos, trajetórias e potências que tentaram ser apagadas.

Palavras-Chave: (de)colonialidade; Corpo colonizado; Arte; Eder Oliveira.

Referências Bibliográficas

BASCIANO, Oliver. *Cultures and Vultures*. They do things differently in the northeast of Brazil. *ArtReview*. Setembro, 2014, p. 114-119.

FACINA, Adriana. Sobreviver e sonhar: reflexões sobre cultura e "pacificação" no Complexo do Alemão. In: Márcia Adriana Fernandes; Roberta Duboc Pedrinha. (Org.). **Escritos Transdisciplinares de Criminologia, Direito e Processo Penal: homenagem aos mestres Vera Malaguti e Nilo Batista**. 1ed. Rio de Janeiro: Revan, 2014, v. 1, p. 39-47.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. *Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 21^a. ed. Edições. graal, editora: Paz e Terra, São Paulo: Edições Graal, Paz e Terra,. 2005.

LACAZ, A. S., LIMA, S. M., & HECKERT, A. L. C. Juventudes periféricas: arte e resistências no contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, 27(1), pp. 58-67, 2005

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. 2005.

MORAIS, Rômulo. *O extermínio da juventude negra: uma análise sobre os discursos que matam*. Rio de Janeiro: Revan, 2019.

SCHWARZ, Roberto. O sentido histórico da crueldade. In: SCHWARZ, Roberto. *Ideias fora do lugar: ensaios selecionados*. São Paulo: Perguin Classics Companhia das



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Letras, 2014.